



O Castanheirense



Quinzenário Regionalista e Cultural - Por Castanheira de Pera e Região

PROPRIETÁRIOS
Herd.º de Ilídio José Coelho

Redacção e Administração
Praça Visconde de Castanheira de Pera

ANO XLIII

AVENÇA

Telefone PPC 4316 — Of. Gráf. da Ribeira de Pera — 3280 — Castanheira de Pera

31 DE OUTUBRO DE 1979

DIRECTOR-INTERINO
Eduardo Silva

Composição e Impressão:

Nº 1.607/8



PORTE
PAGO

I Jornada Luso-Brasileira das Misericórdias

Cardeal-Patriarca Verbera Nacionalização dos Hospitais

«A benemérita função cristã e social das misericórdias encontrará sempre espaço aberto, dentro de um Estado que deseje promover o bem comum e se preze do respeito devido à democracia e aos direitos humanos essenciais» — sublinhou o cardeal-patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro, na homilia que pronunciou na Sé Catedral, durante a missa de acção de graças celebrada para assinalar o início da I Jornada Luso-Brasileira das Santas Casas da Misericórdia.

D. António Ribeiro dirigia-se aos participantes portugueses e brasileiros da jornada que durante toda esta semana se reunirão no Colégio de Santa Doroteia, para debater problemas assistenciais ligados à acção actual e futura da Misericórdia.

Esta primeira jornada assinala por outro lado, o início das comemorações do quarto centenário da fundação da Santa Casa do Rio de Janeiro, a que as autoridades brasileiras pretendem associar responsáveis portugueses, por considerarem que o nosso país foi e continua a ser a matriz por que se regem as instituições locais.

Neste sentido, a numerosa delegação brasileira, enviada a Portugal, pela Federação das Misericórdias de São Paulo, e pela Federação das Misericórdias e Casas de Caridade do Brasil, deslocou-se ontem, acompanhada pelos participantes portugueses, à Igreja da Madre de Deus, onde prestou homenagem,

junto ao túmulo da rainha D. Leonor, a fundadora da benemérita instituição.

«Hora Alta da Epopeia Cristã»

Foi exactamente referindo-se ao papel de Portugal como «casa mater» das misericórdias brasileiras e citando a Sé como «berço» da sua fundação — «foi de facto neste templo secular, na capela sob a invocação de Nossa Senhora da Piedade, que, em 15 de Agosto de 1498, se realizou, com solenidade litúrgica, a cerimónia da fundação da primeira misericórdia, durante a regência da rainha D. Leonor, que D. António Ribeiro iniciou a sua homilia.

Classificando a criação da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa como «uma hora alta da epopeia cristã», o cardeal patriarca, dirigindo-se particularmente à numerosa delegação brasileira, considerou depois aquela

(Continua na página 2)

OPINIÃO

BISSAYA BARRETO

— «O homem das muitas obras»

Henrique Galvão, figura bastante conhecida e muito mais a partir do caso Santa Maria é exactamente o homem que aparece como tradutor em «Os Grandes Vultos Contemporâneos», no livro dedicado a Bissaya Barreto, escrito por Pierre Goemare.

Bissaya Barreto, não obstante a sua acção no combate à tuberculose, na protecção à grávida e à criança, na assistência psiquiátrica, na luta contra a lepra, na luta anti-sazonática, na luta antivenérica, na luta pela solução do problema hospitalar, etc., foi vítima, como tantos outros, de uns revolucionários de ocasião, de uns oportunistas que tentaram alcançar o posto de general sem saberem os deveres elementares do soldado. E a maldade desceu tanto, que até no dia do seu funeral e na sua terra, deitaram foguetes naturalmente por se sentirem libertos de um vulto que lhes fazia sombra.

É o próprio Henrique Galvão em «Nota do tradutor», ao jeito de prefácio, que diz:

«Decerto convém que as gerações novas (e também uma parte dos que começam a envelhecer), recolham no espírito, como lição de formação de carácter e como exemplo de acção pensante, esta imagem de um homem e de uma obra. Só se atreveriam a discutir a excelência da obra e a capacidade do homem aqueles a quem as obras afrontam e os caracteres ofendem».

São menos do que se julga — e só parecem mais pelo ruído que fazem. No fundo, não

contam senão como estimulantes.

Ora, se assim é, os argumentos que decidiram o autor a escrever e publicar o seu livro, são os mesmos que impõem que se dê à sua obra a maior extensão — e, por consequência, que se verta da língua que muitos falam para a linguagem que todos entendem».

Cremos que Henrique Gal-



Prof. Doutor Bissaya Barreto

vão tinha razão, e lá sabia porque: há gente que é menos do que se julga. Só parece mais pelo ruído que faz. Não conta senão como estimulante... E o Prof. Bissaya Barreto citava este facto quando inaugurava uma obra: «Quero aqui prestar homenagem aos meus inimigos, pois é a eles que devo o estímulo e a coragem para prosseguir»...

Não devemos benesses, luzgarzinhos, «tachos» ou qualquer outras coisas ao Prof. Bissaya Barreto. Admiramo-lo como homem de acção, lutador infatigável pela causa da assistência hospitalar, extenuado defensor da criança.

«Tem defeitos, porque colaborou com o fascismo», dirão os incapazes, os abúlicos, os que se aproveitam de situações confusas, para alcançarem, rapidamente, o cimo da escada e de lá ditarem a sua palavra de ordem...

Mas — ensina a Bíblia — aquele que se julgar isento de defeitos, que atire a primeira pedra».

E' bom que se saiba que, neste Ano Internacional da Criança, nada se tem feito em defesa dos pobres pequenitos que «nasceram em mau-ninho». E as obras existentes, tantas delas criadas e dirigidas por Bissaya Barreto, enquanto viveu, acusam já, como tantas outras de sua criação, o sintoma do desleixo, do desinteresse, naturalmente pela falta de amor às causas nobres, pela ausência das qualidades de trabalho que Bissaya Barreto mostrou durante toda a sua vida.

Seu pai, Albino Inácio Rosa, havia lhe dado este recado inextinguível: «Não serás um homem enquanto não te pudes governar só — e serás tanto mais forte quanto mais cedo o tiveres aprendido».

Assim, Fernando Bissaya Barreto, apenas com 16 anos de idade, já havia aprendido o «ofício de homem», e matricula-se na Universidade de

(Continua na página 3)

PÂNICO

Pretendia a «Direita» instalar o pânico no País, com o qual levaria o senso político do Povo português para o seu lado e, deste modo, dirigir a causa pública.

Cinco anos depois desiluiu-se e temos de reconhecer ter-se virado o «feitiço contra o feitiço».

O pânico instalou-se nessa facção política e a «nota oficial» partidária, saída na comunicação social em 14-10-79, antes do Chefe do Estado regressar da sua triunfal viagem a França, ignorando a hierarquia que redigiu, ate nos seus insultuosos aspectos o demonstra.

O Presidente da República foi preciso e conciso quando

afirmou ser a responsabilidade de instabilidade política consequência da luta entre os partidos democráticos. Verdade pura e desassomburada, com que a Direita não contava... Já tinha o general Ramalho Eanes predito isso em dois discursos que trouxe até ao Povo e, sobriamente, chegou a convidar os partidos da Direita a serem mais comedidos nas suas arremetidas, quer na Assembleia da República, quer na Imprensa, quer na Rádio ou na Televisão.

Não o quiseram ouvir! Continuaram na contribuição para destabilizar, confundir, desorientar a opinião pública. O resultado foi a frustração completa do intento e surgir o pânico nas hostes da Direita. Nem outra coisa seria de esperar, para quem analisasse a

(Continua na página 6)

"O MENSAGEIRO"

No pretérito dia 7 de Outubro, completou mais um aniversário este nosso prezado Colega que se publica em Leiria e foi fundado pelo nosso prezado e saudoso Amigo que foi o Ex.º Senhor Padre José Ferreira de Lacerda, por quem tínhamos a maior consideração e era um grande Amigo de Castanheira de Pera.

Ao seu actual Director, Ex.º Senhor Padre António Francisco Ferreira e a todos os seus Colaboradores, «O Castanheirense» apressa as suas cordiais saudações, com votos de longa vida.

OPINIÕES

A crise em Portugal permanece! Lamentavelmente!

O desemprego em Castanheira pode surgir! Infelizmente!

«Há um paradoxo inaceitável»

por
PEDRO BARROS

vel: temos uma economia socializada sem plano e uma economia sem mercado normal — afirmou dias atrás o actual ministro das Finanças, prof. Sousa Franco. E independentemente de quem o manifestou, é uma coisa que os intelligen-

tes percebem e um facto gravíssimo.

Mais o desemprego continua em taxas altas; a inflação é das maiores na Europa; o défice externo acentua-se desequilibrando a estabilidade interna; o poder real de compra desce em ritmo galopante; a falta de investimento paraliza a actividade económica; a má gestão do sector público é debitada nos impostos que todos sofremos; a carestia da vida atinge cifras insustentáveis.

Conclusão: sacrifica-te Zé, acredita papalvo, que nós os

(Continua na página 2)

I Jornada Luso-Brasileira das Misericórdias

Cardeal-Patriarca Verbera
Nacionalização dos Hospitais

(Continuação da primeira página)
primeira instituição «paradigma fecundo» de todas as demais misericórdias criadas em Portugal, no Brasil e noutras paragens longínquas, onde o espírito português difundiu a fé católica e deu a conhecer a civilização do Ocidente».

Em toda a sua homilia, D. António Ribeiro defendeu a perfeita actualidade e valor cristão destas associações e do papel primordial da caridade cristã na vida de uma comunidade democrática, rebatendo, uma a uma, as razões que, ultimamente, pretendem situar as misericórdias como uma sobrevivência tardia de um fenómeno do passado.

«Só o Estado totalitário suprime a iniciativa particular»

Neste contexto, o cardeal patriarca de Lisboa, considerando que «a palavra caridade sofreu, mesmo entre alguns cristãos, uma notável desvalorização, nos últimos tempos», sublinhou: «*Urge repor a palavra e o conceito cristão de caridade na sua dimensão autêntica, primordial*». E acrescentou: «*As misericórdias situam-se exactamente aqui. Elas são e oferecem quando outros o não fazem, não para serem vistas e elogiadas, mas por imperativo do amor frontal, que, do coração de Jesus Cristo passa ao coração de cada um dos seus discípulos*».

E, salientando que «impedir os cristãos de dar testemunho da caridade, nos sectores da assistência e da segurança social, é antenar contra as liberdades essenciais, é ferir a própria liberdade religiosa», disse ainda:

«Só o estado totalitário suprime, neste como noutros domínios, a iniciativa particular, individual ou colectiva. Só o estado totalitário transfere para si próprio o que é das pessoas ou dos grupos intermédios, à custa, tantas vezes, de pesadas sobrecargas financeiras, de complicados aparelhos burocráticos e de de escassos resultados efectivos».

Ao acentuar que as misericórdias não são obstáculo a um Serviço Nacional de Saúde ou alternativas à justiça e direitos, «palavras mais ao gosto dos homens, de hoje», o cardeal patriarca criticou quantos, «*após a Revolução de Abril, promoveram a nacionalização dos hospitais das santas casas e se propunham extinguir, unilateralmente, as que não tivessem outras actividades além das hospitalares*». E concluiu:

«Não posso terminar sem render homenagens às misericórdias de Portugal pela determinação e valentia com que, nestes últimos tempos, têm sabido defender os seus direitos que são, afinal, os direitos do povo português. O povo — o povo que trabalha e sofre — continuará a acarinhá-las como sempre o fez, e há-de agradecer-lhes o bem que realizam».

• Eanes em S. Roque

As autoridades portuguesas associaram-se à realização desta I Jornada Luso-Brasileira, oferecendo-lhe o seu inteiro apoio. Foi assim que, ontem, o ministro e o secretário de Estado dos Assuntos Sociais participaram na

missa celebrada por D. António Ribeiro e o general Ramalho Eanes assistirá, hoje, à sua abertura solene, na Igreja de S. Roque.

Na sessão solene, estarão, ainda, presentes um representante credenciado do presidente do Brasil o embaixador do Brasil em Portugal, o núncio apostólico, o cardeal patriarca de Lisboa, o cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, o ministro dos Assuntos Sociais e secretários da Segurança Social e da Saúde, o presidente da Câmara de Lisboa e muitas outras individualidades civis e eclesiásticas, portuguesas e brasileiras.

A jornada terminará, no próximo sábado, com a discussão e votação do estatuto da Federação Internacional das Misericórdias e a eleição dos seus titulares.

(In «O Primeiro de Janeiro»)

N. R. — O Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa na homilia que pronunciou na Sé Catedral de Lisboa e a que se refere na transcrição que se faz, com a devida vénia do conceituado Jornal «O Primeiro de Janeiro», do dia 22, afirmou que: «Após a Revolução de Abril, promoveram a nacionalização dos Hospitais, das Santas Casas e propuseram-se extinguir, unilateralmente, as que não tivessem outras actividades, além das Hospitalares».

Propriamente no que diz respeito à Santa Casa da Misericórdia de Castanheira de Pera, instituição fundada em 1900 pelo Benemérito que foi o Visconde de Nova Granada (José Alves Barreto), simultaneamente com o Hospital de São José, que em 1954, foi substituído pelo actual Hospital Visconde de Nova Granada, tendo então, mercê da iniciativa de outro Benemérito que foi Adriano Henriques dos Reis que em terras do Brasil havia angariado fundos para a construção de um Asilo para a Terceira Idade, e por feliz sugestão de um Ilustre Castanheirense que foi o Professor Doutor Fernando Bissaya Barreto Rosa, com os fundos angariados e com prévio acordo dos subscritores, foi possível aplicar esses fundos, não na construção de edifício próprio para Asilo, mas sim e muito melhor, pela transformação do anterior Hospital de São José, com a implantação de um segundo andar, no que passou a ser então o Hospital-Asilo de São José para Velhos e Inválidos, iniciativa de Adriano Reis, no que presentemente é, o mui considerado LAR DE IDOSOS DE SÃO JOSÉ, que já criou fama de bastante recomendável para o fim humanitário para que foi fundado, pelo que não faltam pedidos para a entrada de mais Utentes, sendo presentemente a sua capacidade de 40 de ambos os sexos, havendo pedidos de diversos pontos do distrito de Leiria de mais de uma dezena de pretendentes, para os quais, por muito boa vontade que haja em os receber, não há vagas.

Propriamente no que diz respeito, ao Hospital Visconde de Nova Granada, propriedade da Santa Casa da Misericórdia de Castanheira de Pera e por ela administrado desde a sua fundação até 1975, teve de ser entregue à administração de uma Comissão Instaladora, sob a égide da Direcção Geral de Saúde, que não só tomou conta do Hospital, como chamou a si o valor da renda mensal paga pelas Caixas de Previdência

(Continua na página 3)

Cartas ao Director

À nossa Redacção chegou uma Carta que a seguir transcrevemos do Sr. Renaldo Bernardo, natural de Pera e residente em Lisboa, congratulando-se pela solução que o Presidente da Câmara Municipal do nosso concelho deu, quando por um grupo de moradores de Pera, lhe foi entregue uma petição.

É sempre para nós muito agradável darmos publicidade a tais notícias lamentando por vezes não termos conhecimento de muitas, todavia não ignoramos a boa vontade que o Sr. Presidente da Câmara tem tido em solucionar todos os problemas das povoações do nosso concelho, e que muitos foram os que já tiveram solução.

Ex.mo Senhor

Director de «O Castanheirense»
Em fins de Agosto passado, moradores na Rochada, Rua de Cima, junto aos tanques existentes em Pera, fizeram uma exposição em papel selado, com cerca de cinquenta assinaturas, tendo sido entregue por mão própria, ao Senhor Presidente da Câmara Municipal de Castanheira de Pera, na qual se expunha o péssimo estado em que se encontra toda aquela importante artéria, onde no inverno há bastante lama e no verão bastante pó, sendo o seu piso de altos e baixos, o que contrasta com os melhoramentos que têm sido feitos naquela área.

O Sr. Presidente apreciou a referida exposição, e foram trocadas impressões com os representantes dos moradores, ao que o Sr. Presidente se mostrou receptivo, e concordou ser necessário proceder-se ao arranjo do piso e bermas, e sua iluminação, prometendo dar a devida atenção ao pedido.

Trata-se de uma artéria com grande movimento, dadas as numerosas famílias ali moradoras, com crianças, idosos e doentes, que precisam de acessos razoáveis.

Sem outro assunto, e com os meus agradecimentos

Muito Obrigado
Renaldo Bernardo

RTP NOVO MAPA TIPO

O novo mapa tipo de programas da RTP/1 foi objecto, a partir do passado dia 15 de ligeiros ajustes, nomeadamente quanto à hora de abertura da emissão que, de 2.ª a 6.ª feira, passará a efectuar-se às 18 h00 (e não às 18 h30, como se anunciara). E abrirá, como se previra, com «Sumário», um serviço informativo a cargo da equipa do Telejornal, a transmitir em directo da Redacção. A rubrica «País, País» será dedicada mais algum tempo, enquanto se faz também notar que, ao sábado e domingo, não será apresentado o último serviço noticioso do dia, as «24 HORAS».

OPINIÕES

(Continuação da primeira página)
políticos velamos pela tua miséria!!

Em consequência de tudo isto, que se passa no sector têxtil, razão principal da existência do nosso concelho, e responsável pelo maior quinhão das exportações, dentro das indústrias transformadoras?

Sómente isto: sofre um agravamento de dificuldades derivado da crise do petróleo, melhor, resultante dos fins inconfessáveis e das querelas estereis dos vários países produtores; ressentido de uma indefinição das estruturas económicas que desanima a iniciativa privada, desde sempre geradora da economia de mercado que, quando saudável e leal proporciona o desenvolvimento; acusa a falta duma verdadeira legislação laboral, que atribuindo direitos indiscutíveis aos trabalhadores, ao mesmo tempo imponha deveres, crie o estímulo à produtividade, oriente a participação consciente nos mecanismos produtivos, mas também os proteja contra falsos profetas que os aproveitam, manobram com ideias amadurecidas, pré-concebidas das quais, não raro, se vêm a arrepender.

E que dizer da política de crédito, com restrições, taxas de juro proibitivas que não facilitam a reorganização e reequipamento das empresas em moldes futuros, que alguns pretendem e é indispensável?

E que considerações tecer sobre a desigualdade de ajuda e eficácia entre o sector estatal e privado?

E que acrescentar acerca da burocracia parasitária, do compadrio doentio que habitam as salas comodamente mobiladas do poder?

Finalmente, que nomes feios chamar às decisões que não se tomam, às responsabilidades que não se assumem por desconhecimento das realidades ou conveniências eleitoralistas, antes pelo contrário sacodindo-as para os outros, nunca ninguém tendo culpas no cartório?

São demasiados factos a revelar a evidência que a ganância pelo tacho corrompe. E essa coisa é grave, é inadmissível num país que se quer civilizado e na esteira do progresso!!

Sendo assim, deixem-se de tretas e patacadas, senhores governantes, sejam eles quais forem. Desçam das avenidas às ruas da amargura que atravessamos penosamente, a custo. Sejam sérios, realistas, isentos, rápidos e competentes.

E que se saiba escolhe-los, apoiá-los. Porque os há que merecem, quer a nível nacional quer no nosso concelho, onde os devemos conhecer bem, pelo que são e pelo que podem fazer.

Das palavras nada fica! Das obras constrói-se a esperança risonha no futuro.

E' bom não esquecê-lo...

PASSATEMPO... PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 16 — II SÉRIE

HORIZONTALS: 1 — Briosos; inclinação de terreno. 2 — Cortar aos bocados com os dentes; não aceitam. 3 — Parlamento russo nos últimos anos dos czares; o que há de melhor numa sociedade; as diversas classes de tropa. 4 — Ovírio de peixe; pegadeira; virola; rio europeu. 5 — Apelido; textualmente; eternidade; as consoantes da adaga. 6 — Impaciência; arrogante; sinal usado na antiga química para designar «amalgama». 7 — Risca; planta iritável de cores brilhantes; (símb. quim.) 8 — Animal desdentado; gozas; teólogo entre os árabes. 9 — Repetição do mesmo som no fim de dois ou mais versos; débil; perfume. 10 — Arvore da Ilha de S. Tomé; devorará; composição poética. 11 — Rosadas; notícias.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15

1														
2														
3														
4														
5														
6														
7														
8														
9														
10														
11														

VERTICAIS: 1 — Rocha rudimentar argilosa; mofar. 2 — Elogiar; cada um dos caracteres tipográficos. 3 — Assunto; fios de cobre. 4 — Furor; letra grega. 5 — Caminho; lamentos; alto al. 6 — A fina flor; frascos (farm.). 7 — Colro curtido; teimosia. 8 — Letra grega; antídoto eficaz contra as mordeduras das serpentes. 9 — Travessão da ramada; sulco profundo. 10 — A parte mais recondita do Inferno; pede a Deus. 11 — A quarta letra; germe; no «meio» da nave. 12 — Período; pequena argola. 13 — Apre; gralhas secas. 14 — Parreira; maneira. 15 Dolorosas (fig); cerne.

(Solução na página de Anúncios)

Luis Frias Fernandes
MÉDICO

DOENÇAS ALÉRGICAS
TESTES — ASMA BRONQUICA

CONSULTAS POR MARCAÇÃO

TELEFONE 42338 — FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Carlos Batista

ADVOGADO

TELEFONE 99653

LOUSÃ

OPINIÃO

BISSAYA BARRETO

«O homem das muitas obras»

(Continuação da primeira página)
Coimbra, em 3 faculdades «ao mesmo tempo»: Medicina, Filosofia e Matemáticas Superiores.

Paralelamente a este labor académico, tomou parte activa na célebre greve dos 1300 estudantes de Coimbra, que se insurgiram contra o Governo, chefiado por João Franco, pelos métodos de ensino então utilizados, onde pontificava a teoria e a prática era nula.

Face a esta greve, que se verificou no ano de 1907, as autoridades governamentais responderam «com a força ao acto de força dos estudantes: rebeldes foram oficialmente avisados de que não seriam admitidos aos exames finais todos aqueles que não voltassem imediatamente às aulas».

Dos 1300 estudantes grevistas, apenas 100 entenderam que não deviam trair o juramento feito. E nessa lista de 100 que passou a chamar-se «Os independentes», figurava a testa Fernando Bissaya Barreto, que proclamava nos seus discursos: «Sei muito bem o valor da disciplina; aprecio os métodos de ordem, mas tenho também a paixão da verdade e da sinceridade. A minha fé na justiça das nossas reivindicações é tão grande que, se as abandonasse, sentir-me-ia como um desertor perante mim próprio. Por espírito de justiça gostaria de ceder. Mas a minha consciência proíbe-mo!».

Claro que «Os Independentes» não cederam às exigências e ameaças do Governo de João Franco. E, ao terminar o ano lectivo, nenhum dos «Independentes» foi admitido a exame. O ano escolar estava perdido. Como resolver esta situação? Restava-lhes apenas uma solução, quase irrealizável: «No ano seguinte, fazerem os exames dos 2 anos».

Bissaya Barreto, igual a si próprio, tendo-se matriculado em 3 faculdades ao mesmo tempo, perante o desespero da situação, tinha que, enfrentar os exames de 2 anos, das 3 faculdades. Nada disto o atemorizou. Ou ele não fosse um homem de vontade, como bem exprime nestas palavras: «A vontade é a característica dos génios, dos ases, dos super-homens».

Dai resultou que, no ano seguinte, no dia solene da distribuição dos prémios, presidida, segundo as praxes académicas, pelo rei, Bissaya Barreto alcançou a classificação máxima «em cada uma das 3 faculdades», isto é, 20 valores, em cada um dos exames feitos! E, na sumptuosidade da Sala dos Capelos, em que pontificavam os traços de gala, o corpo docente de borla e capelo, as autoridades civis e militares da época, Bissaya Barreto recusou-se à chamada para ir junto do monarca receber os prémios pela sua alta classificação, respondendo à filha do governador civil que estava para que fosse: «Eu não conheço o rei».

Ainda bastante novo, Bissaya Barreto chegou a ser deputado pelo círculo da Figueira da Foz, do distrito de Coim

bra. Os seus 3 anos de vida parlamentar, originaram a que tivesse este desabafo: «Foi uma fase penosa pela soma de decepções e desencantos que encontrei neste mundo em que o idealismo da minha adolescência me tinha lançado... Idealismo, sim, é a palavra justa porque, realmente, não passava de um idealista das minhas ideias republicanas e sociais. Foi a época em que tive o desgosto de aprender que, na vida política praticada pela maior parte dos homens a que chamam de «carreira», tudo é diferente e até oposto do que eu tinha imaginado nas minhas concepções de rapaz. Foi a época em que tive de aprender que a característica desses homens era, precisamente, não terem carreira, no sentido nobre da palavra, nem zelo ou dedicação senão pelos seus interesses e pelas suas paixões. Desta forma, só tinha um caminho a seguir: Ir-me embora e continuar em Coimbra a minha educação científica e prática de cirurgião. Sentia que aí, pelo menos, não se perderia a minha actividade, e poderia ser útil à sociedade o meu concurso».

Muito mais poderíamos dizer sobre a vida e as obras de Bissaya Barreto, a quem Coimbra e a Região Centro tanto devem no campo da assistência.

Não foi em vão que os portugueses radicados no Brasil, fizeram inscrever no busto daquele académico de Coimbra, colocado no jardim do Hospital dos Covões, estas palavras: «Ao ilustre benemérito, Doutor Fernando Bissaya Barreto — Homenagem dos Portugueses do Brasil».

Neste Ano Internacional da Criança, pensamos que é um acto de justiça recordar a figura extraordinária de Bissaya Barreto que, por razões várias, talvez não tivesse atingido a suprema ventura do seu coração — «Façamos felizes as crianças da nossa terra»!

Elas as crianças, efectivamente, ainda não são felizes. À parte as iniciativas particulares, em que sobressaem os nomes do Padre Américo Elísio de Moura, Padre Serra, com o seu Lar de S. Martinho, e outros espíritos de Bem, nada se tem feito, neste Ano Internacional da Criança, que anule o sofrimento de tantas crianças orfãs e abandonadas.

No seu relatório intitulado «A Criança de Portugal», apresentado ao Conselho Provincial da Junta de Província da Beira Litoral, em 2 de Dezembro de 1940, Bissaya Barreto afirma: «Amparando e defendendo a infância, valorizando o capital humano, conseguire-se-á elevar a taxa da nossa população e continuaremos então, com certeza, a ocupar, no conceito das Nações, o lugar que com bravura e tanta heróicidade os nossos antepassados conquistaram».

Terminamos com a pergunta que nos faz Henrique Galvão, o tradutor da obra que citámos: «Não convirá projectar esta obra sobre o alvo da consciência nacional, para que ela inspire outras energias, e fecunde outras dedicações e forme outros apóstolos?»

Anibal Duarte de Almeida
(In «Diário de Coimbra» de 24/10/79)

ATENÇÃO
SR. CONDUTOR

Com o tempo húmido a estrada torna-se escorregadia e a distância de travagem aumenta consideravelmente. É quando caem as primeiras chuvas e o solo não está ainda completamente limpo de poeiras e folhas caídas que a estrada se torna mais perigosa.

Atenção, pois
— Mantenha uma distância segura entre o seu veículo e o da frente.
— Reduza a velocidade.
— Não trave de uma forma brusca, faça-o progressivamente por pequenos impulsos.

ATENÇÃO

Faltam só 15 dias, para a inauguração das modernas instalações dos

MÓVEIS COSTA

4 pisos 800 m²

"O maior prédio comercial até hoje construído neste Concelho"

Temos 5 anos de existência. Os preços que praticamos são a razão da nossa expansão.

Faça-nos uma visita e confirme

Um Gerente

José da Silva Costa

TELEFONE 44152 — CASTANHEIRA DE PÊRA



CARTAS MÁGICAS

ANO I

ESCRITAS E COORDENADAS

por

Nº 7

José Luis Machado «ZYTTO»

2475 — BENEDITA

O que é o Ilusionismo? (3)

Não obstante os dois exemplos que anteriormente demos, o do famoso mágico Dedi que com 110 anos fora chamado pelo faraó Keops e diante dele executara a decapitação de um ganso e de um pelicano para depois ressuscitá-los, e o da exibição do jogo de covilhetes descrito pelo escritor grego Alciphron que o deixara maravilhado, isto no Sec. II D. C., teremos que dizer, no entanto, que na Idade Média muitos ilusionistas foram vítimas da paixão religiosa, de então, que moveu uma persistente perseguição aos felicitadores da época.

E se nos Sec. XVI e XVII o ilusionista era já considerado um «físico», pois a magia também já era praticada como física recreativa relegando para outros campos a feitiçaria, temos todavia que reconhecer que só em meados do Sec. XVIII, um americano conhecido por Philadelphia, por aí ter nascido, mas de nome Jacob Meyer (n. 1735 f. 1795), terá sido o primeiro a praticar o ilusionismo como arte que servia para divertir, banindo definitivamente o chamado charlatismo.

Contudo, cerca de meio século mais tarde, surgiu finalmente um verdadeiro artista-ilusionista que operou uma autêntica renovação na arte mágica, criando a verdadeira arte de ilusionar e não só, pois denunciara a utilização dos comparsas (espectadores comprados), para se valer somente dos progressos da ciência após aprofundados estudos, criando novos números de ilusionismo moderno e apresentando-se de fraque e chapéu alto, o que definiu o verdadeiro artista-ilusionista, pois até aí,

Julho de 1845, os ilusionistas usavam capas cintilantes de pedrarias, e barrete cónico.

Efectivamente o francês ROBERT-HOUDIN marca uma nova e importante época para o ilusionismo moderno. (continua)

Congressos, Festivals & Convenções

Se, como dissemos, o Congresso de FISMÉ é o mais importante, não queremos dizer que muitos outros congressos nacionais — e muitos países os realizam — não tenham valor, antes, serve para desenvolver, estimular e renovar a prática dos ilusionistas nacionais. Porém, obviamente, o seu valor e importância são restritos, por nacionais, mesmo tendo em conta a presença de estrangeiros convidados.

No entanto, muitos outros países, optam pela realização de Festivais Mágicos que por vezes não sendo inferiores aos congressos têm um carácter ainda mais restrito, onde o número de actuantes e participantes é menor, embora ao fim e ao cabo, também aí haja uma certa responsabilidade de organização, de competição, de apresentação artística e técnica dos concorrentes, como ainda e também a apresentação de novas invenções ou aperfeiçoamentos, as galas, as feiras de artigos de ilusionismo, conferências o obviamente a confraternização entre profissionais, amadores e familiares.

Este é o caso do FESTIVAL DE MAGIA de Figueira da Foz, que este ano se realizou nos dias 5, 6 e 7 de Outubro com a participação de cerca de 256 pessoas. (continua)

ZYTTO



Santa Casa da Misericórdia

de Castanheira de Pera



LAR DE IDOSOS DE SÃO JOSÉ

Encontram-se presentemente ao abrigo deste LAR de Castanheira de Pera, administrado pela Santa Casa da Misericórdia, instituída em 1900 pelo Grande Benemérito que foi o Visconde de Nova Grana-

da (José Alves Barreto) cerca de meia centena de Utiéis de ambos os sexos, que, na sua maioria, não têm outra família que não sejam os seus companheiros de estadia.

Vai aproximar-se a QUADRA DO NATAL, e como em anos anteriores, a Santa Casa da Misericórdia, desejaria proporcionar-lhes, nessa QUADRA, algo de diferente da vida que aqui levam dia a dia, mas das das dificuldades com que a Misericórdia vive, não existe verba disponível para estes extraordinários e, por tal motivo, conta-se com a habitual ajuda de todos Aqueles que queiram dedicar à TERCEIRA IDADE um pouco de carinho, facilitando a tarefa de FAZER BEM SEM VER A QUEM.

Na Secretaria da Misericórdia se aguardará a dádiva com que cada um queira auxiliar este propósito, facto que não deixará de ser reconhecida e agradecido.

EDUS.

Assine O Castanheirense

Jorge Frias Fernandes
MÉDICO

Especialista de Cardiologia do Centro Hospitalar de Coimbra

As quartas-feiras depois das 14 horas no consultório do

Dr. Luís Frias Fernandes

TELEFONE 42338 — FIGUEIRÓ DOS VINHOS

AUTOMÓVEIS

Deseja comprar, vender ou trocar o seu Automovel ou Forgunete a gasolina ou a gasoil?

Consulte

AUTO PONTE DE ARROIOS, L.^{DA}
DE MANUEL TOMAZ & FILHOS

Rua de Arroios, 152-A

Telefones 4 01 85 e 53 80 34

LISBOA-1

- Fibras artificiais e Sintéticas
- Desperdícios de Algodão e fibras
- Algodão em Rama
- Trapos de Lã e Algodão

Fornecedores de matérias primas para a indústria de lanifícios há mais de 50 anos

L. FARGE, LIMITADA

Rua do Freixo, 1291

PORTO

Telefones: Urbano 51094 — Estado 197

Telegramas: EGRAFE-PORTO

Agente em Castanheira de Pera: Casa José Coelho Junior

COMUNICAÇÃO SOCIAL...

O que dizem

os Jornais:

TÍTULOS e MAIS TÍTULOS

PARTICIPAR NA VIDA PÚBLICA PELO VOTO
Exortam os Bispos Portugueses numa Nota Pastoral a propósito das próximas Eleições.

(O Amigo do Povo)

PEREGRINAÇÃO NACIONAL AO SANTUÁRIO DE VILA VIÇOSA NOS DIAS 7 e 8 DE DEZEMBRO
Organização do Santuário Fátima

(O Mensageiro)

FARMÁCIAS VOLTARAM A FORNECER MEDICAMENTOS A CRÉDITO AOS BENEFICIÁRIOS DA PREVIDÊNCIA

(Diário de Coimbra e outros)

ASSALTADA A MEIPAL, EM ÁGUEDA

O Guarda foi amarrado e fechado no quarto de banho, tendo o proprietário sido roubado antes

(Diário de Coimbra)

52 MILHÕES DE CRIANÇAS OBRIGADAS A TRABALHAR EM TODO O MUNDO

(Diário de Coimbra)

REGISTADA NA CÂMARA DE ARGANIL UMA EXPLO- RAÇÃO DE OURO E OUTROS METAIS PRECIOSOS

(A Comarca de Arganil)

MAIS DE 12.000 PESSOAS VISITARAM EM COIMBRA UMA EXPOSIÇÃO SOBRE OS MALEFÍCIOS DO ALCOOL, TABACO E DROGA

(A Comarca de Arganil)

TURISMO PORTUGUÊS PRIMEIRO NA OCDE

(Diário de Notícias)

ROUBADO E TRANSPORTADO NUM JIPE UM COFRE MONOBLOCO COM 110 CONTOS

(Diário de Notícias)

Assine O Castanheirense

Palavras Cruzadas

Solução do passatempo de hoje

HORIZONTAIS: 1 — Altivos; ladeira. 2 — Roera; opa; erram. 3 — Duma; elite; arma. 4 — Ova; asa; aro; Aar. 5 — Sá; sic; evo; DG. 6 — Ira; soberbo; AAA. 7 — Ré; lírio; Er. 8 — Tatu; ris; alim. 9 — Rima; fraco; olor. 10 — Ipé; tragara; ode. 11 — Róscas; avisos.

VERTICAIS: 1 — Ardóla; rir. 2 — Louvar; tipo. 3 — Tema; arames. 4 — Ira; eta. 5 — Vá; ais; tá. 6 — Escol; FR. 7 — Sola; birra. 8 — Pi; teriaga. 9 — Lata; risca. 10 — Erebo; ora. 11 — Dê; ovo; AV. 12 — Era; elo. 13 — Irra; arilos. 14 — Ramada; modo. 15 — Amargas; rés.

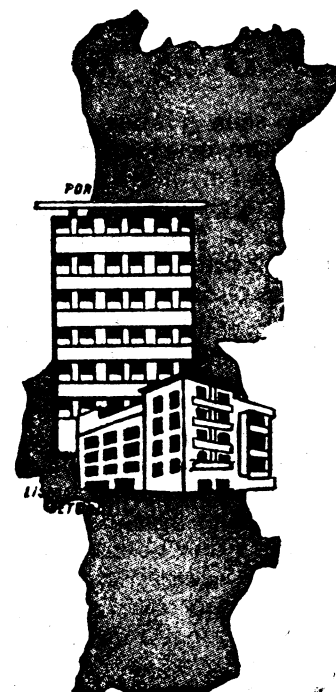
SR. AUTOMOBILISTA

Os instrumentos de sinalização do seu veículo são os órgãos de comunicação de que na estrada dispõe para transmitir as suas intenções.

Por isso a Prevenção Rodoviária Portuguesa aconselha que, com tempo, dê conhecimento do que vai fazer aos outros utentes da estrada.

Albertino Henriques da Silva, Lda.

Tem para venda:



Moradias, Prédios, Andares e Lojas,
nas zonas de

LISBOA E SETÚBAL

SEDE:

Rua do Garrido, 73 1.º

Telefs. 88 72 01 - 88 51 96

LISBOA

FILIAL: Prédio Fiat

R. Gen. Daniel de Sousa, (Prol.) 3.º P. D

Telef. 25 991

SETÚBAL

ANDARES DESDE 600 CONTOS

INFORMA Joaquim Marques David

Telefs. { Castanheira de Pera 44158
Lisboa 58940

Manuel Henriques Coelho

● **Fábrica**
de artigos
de cimento
●

Depósitos para vinho e sulfato, Blocos para garrafeiras, Grelhagem decorativa, Postes para vinhas e parreiras, Placas para poços e vedações, Marcos, Balizas para sinalização de estradas, Manilhas, etc.

Com Vibração em Alta Frequência

Telef. 45418 Pedrógão Grande

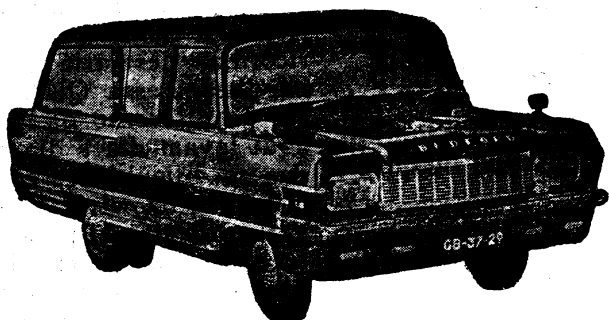
Pinheiro do Bolim

Pedrógão Grande

A Funerária de Moscavide

Saul Alves Rosa e Fernando Alves Rosa

Av. Almirante Gago Coutinho — MOSCAVIDE — Telefone 2 51 91 57



Exclusivo desta Agência

FILIAL A FUNERÁRIA DE SACAVÉM

R. José Augusto Braancamp. 26 — Telefone 2 51 91 57

SACAVÉM

Funerais, trasladações e artigos religiosos

Correspondente em Lisboa, SAUL ALVES ROSA

Rua das Olarias 16 — Telefone 86 32 74

SERVIÇO PERMANENTE

Amilcar Sandinha

ADVOGADO

Telefones { Escri.º 99 172
Resid.º 99 436

LOUSÃ

Em Castanheira de Pera

As Sextas-feiras — Semanalmente

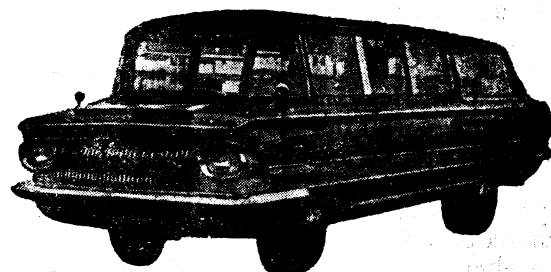
Antiga Agência Funerária Mega

FUNDADA EM 1891

De firma: MAURÍCIO LOPES MEGA & C.ª L.ª

Lisboa — Largo das Olarias, 48

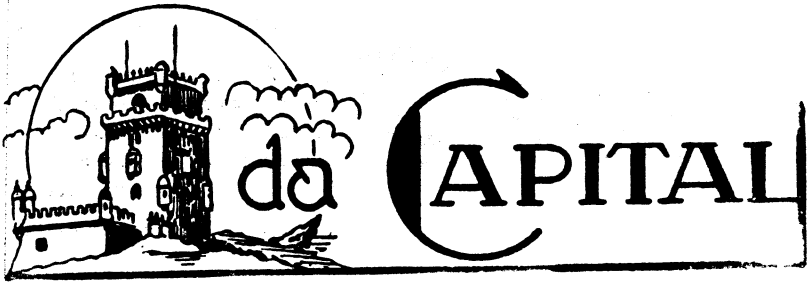
Telefones 86 34 32 e 86 12 40



Exclusivo desta Agência

Funerais e Trasladações, em todo o país e para o Estrangeiro, possuindo os melhores e luxuosos Autos Carros do país

SERVIÇO PERMANENTE



CRÓNICA LISBOETA

Radicalizando-se no Brasil, muitos naturais do Concelho de Castanheira de Pera, motivo porque através destas colunas falo do primitivo, até hoje, do Cinema e do Teatro brasileiro

Ora, sendo o jornal "O Castanheirense" um grande elo de ligação, entre as Comunidades portuguesas, radicadas no Brasil, mui-especialmente, da do Concelho de Castanheira de Pera, motivo, porque através das suas colunas, venho hoje falar do valor artístico brasileiro, que em Portugal, quer no Brasil, dado o seu valor, como Órgão da Comunicação Social Regionalista.

Nestes últimos tempos, vêm as novelas brasileiras, no nosso País, através da nossa Televisão, despertando grande interesse e entusiasmo por parte do nosso público, quer nos meios citadinos, quer nos rurais.

Isto dada a brilhante actualização e dom artístico como os brasileiros trabalham. Motivo este também, porque muitos Artistas brasileiros, recentemente visitaram Portugal, onde também, para além do grande número de autógrafos, que portugueses e portugueses lhe pediram, falaram através da nossa Televisão e da nossa Rádio à nossa Gente, mui-especialmente, os Artistas que cooperaram na *Gabriela*, no *Casarão*, (Pintor Maciel) no *Astro* e no *Planeta dos Homens*.

Noutro aspecto, digno é de se realçar, que vive muita gente no Brasil, que são naturais da Comarca de Figueiró dos Vinhos, mui-especialmente, um grande número de pessoas naturais do Concelho de Castanheira de Pera. Eis o motivo, porque tanto em Portugal, como na América do Sul, devido ao grande elo-amigo e familiar existente, com grande amizade, se interessam pela cultura brasileira, pois o próprio autor desta crónica, é a primeira pessoa, a ter no Brasil, gente familiar muito chegada, tais como irmão, muitos primos direitos e não tios, porque já faleceram, nos Estados de São Paulo e de Campinas.

Por isso, digno é de se realçar, que o Brasil, acupando a parte oriental do continente sul-americano, sendo banhado pelo oceano Atlântico Sul, possui uma área total de território de 8.513.844 Km², o que em si, corresponde a 1,7% ou 1/60, da superfície total do globo e menos a 1/17, do total das terras emersas, o que corresponde quase a metade da América do Sul, 47,3%. Por tal apresenta uma superfície contínua, cujas medidas máximas, no sentido dos paralelos e dos meridianos, se equivalem, ocupando assim na parte do hemisfério-norte, apenas 598.656 Km², constitui um grande Estado.

Porém, falando agora ao Leitor-Amigo, do primitivo teatro brasileiro, tenho-lhe a expôr, que a ida para o Brasil em 1908, do notável director Zbigniew Ziembinski, em si, produzindo este alguns espectáculos, que ressoaram através duma revela-

ção de Arte Cénica, bem como a fundação do T. B. C. (Teatro Brasileiro da Comédia), em 48, em São Paulo, o qual, reuniu críticos e autores locais, que se ligaram a directores estrangeiros, tais como: Salce, Jacobbi, Celi, Ziembinski, Vaneau, Ratto e D'Aversa, constituíram assim, uma evolução e uma grande equipe do teatro brasileiro.

Porém, no que diz respeito à especificação do movimento cénico brasileiro, considerou-se dois aspectos no teatro, cujos valores, são bem mais diversos do que possam parecer, na realização de todos os dias: Literatura dramática e a Cena.

Por isso, digno é de se considerar, que a história do teatro brasileiro, em si, tem como base fundamental: *O preferencial ou o totalmente*.

Pois analisamos também, que na primeira linha de convicção geral, que é a brasileira, que em teatro, o mais importante para si, é o que diz respeito ao texto e que este, em si, sonha a arte e arrisca a sê-lo. Por tal, a arte é uma das mais complexas e amplas expressões da palavra, sendo um espectáculo, sobretudo, um artesanato, donde depende, *de se saber fazer; dos ocasionais recursos empregados e da mera inteligência e habilidade*.

Isto, através de deminutas margens, duma legítima intuição artística eridadora, que em si, sabe ou não exprimi-la.

Eis, caro Leitor, o ponto de vista brasileiro e a diferença feita, entre o director, o interprete e o escritor, pois, fala-se em arte, nos dois casos mas dá-se por assentada e como secundária, a cénica.

Porém, noutro aspecto, digno é de se realçar, que o autor dispõe dum meio, em que pode ter toda a liberdade e domínio, ao servir-se de palavra, visto que, o que de facto ocorre, é na medida de ser mais consciente, da sua capacidade de escritor, isto no que diz respeito, a ser um artista.

Quanto ao interprete, que é a primeira figura do espectáculo, este, em si, utiliza como meio o próprio corpo. Mas em dada parte, é forçosamente obscuro e nem de longe possui a mesma liberdade de controle.

Falando agora, acerca de escritores brasileiros, digno é de se realçar, quanto a estes, que a falta de interesse, da parte dos escritores contemporâneos pelo teatro, deu no Brasil, origem, a inúmeros apelos, pois, só depois da última guerra, o teatro brasileiro, tomou alce cultural, visto que antes de 40, simplesmente o teatro, não contava como elites intelectuais, sendo também, rara a peça estrangeira de valor, encenada.

Por isso, as poucas empresas existentes, nem sequer pensavam, em se arriscar, com textos que não fossem popularíssimos.

Museu Nacional da Rádio

Continua em preparação o Museu Nacional da Rádio.

A futura exposição permanente da arte da comunicação e da ciência da rádio, contém já com elementos suficientes de observação e estudo para os seus futuros visitantes.

O Museu continua, contudo, a aceitar as ofertas representativas de Rádio, Música, Som e Televisão que o ouvinte já não utilize e que possam enriquecer o seu conteúdo cultural.

Todos os contactos devem ser dirigidos à Radiodifusão Portuguesa — Museu Nacional da Rádio, cujos serviços estão a funcionar na Rua Sampaio e Pina, 26, 1000 Lisboa Codex.

De Terras de Santa Cruz

(Continuação da última página)

na verdade, era uma palest a ao nível dos nossos dias, que em boa verdade dava gosto de ouvir. Eu estava feliz, eufórico mesmo!

Era um Padre falando a linguagem ao sabor de gente conhecida, que dizia coisas actuais e nos fazia acreditar num mundo um pouco melhor. Era um Padre falando em São Paulo, nesta metrópole que tem 12 milhões de almas e a maioria crente de verdade, carinho e tudo o necessário para uma vida mais humana.

A Igreja estava cheia até à porta, mas, caros amigos, que pena serem tão poucos a ouvir estas verdades.

É, meus amigos, o Senhor Padre falou. Eu gostei e vou pedir-lhe que fale mais, mais vezes, do mesmo jeito.

Eduardo dos Santos Coelho

**

Falando, agora, ao caro Leitor, acerca do cinema brasileiro, a seu respeito, tenho-lhe a expôr:

A primeira sessão de cinema no Brasil realizou-se em 8 de Julho de 1896, isto é, um ano depois da primeira exibição em Paris, do início do cinema; "Lumiere".

Porém, acerca do cinema brasileiro, digno é, de relembrar, que nascendo o cinema brasileiro, no começo de um século, lutou sozinho pela sua sobrevivência, apoiado do sonho e do esforço dos pioneiros, através de fases de pobreza técnica e de carências, que atravessou, ao mesmo tempo que impôs uma obra artística isolado. Por isso, no passado, através de crises periódicas, adquiriu assim, novamente a partir de 1950, um vigor incógnito, com bases organizadas a nível industrial e internacional, o que em si, permitiu, que hoje, a técnica brasileira de cinema, bem como as suas realizações, sejam notáveis trabalhos.

Caro Leitor do jornal "O Castanheirense" disto tudo concluímos:

São os Homens que amam o cinema que o dignificam.

Pois, é necessário, que o Artista cinematográfico, proponha servir-se da câmara, e em si, conte uma história, ao mesmo tempo, que expresse a sua inteligência.

Perreira de Oliveira Retardado

A Unidade da Família constrói-se no Diálogo

Impressionou-me aquele casal feliz com três filhos a viver num clima de muita união e alegria, num convívio aberto e espontâneo. O pai explicou: — «é que nós aqui em casa vivemos unidinhos e dialogamos muito». Acrescentou, depois, que procuram — ele e a mulher — dedicar aos filhos o maior tempo possível no tal diálogo, sempre com muita simplicidade e grande sinceridade. E' assim: os pais confiam nos filhos e os filhos abrem-se aos pais, estabelecendo-se um ambiente de muita paz e mútua confiança.

Aqui está um caso entre milhentos, graças a Deus. A bem dizer este deveria ser o normal de qualquer família.

Talvez nunca tenha havido uma geração mais necessitada de pai e mãe — que o saibam ser — do que a geração jovem dos nossos dias. Pai e mãe que dediquem o tempo necessário aos filhos, num diálogo feito de amor e compreensão. Porque estes vivem toda a influência dum mundo tocado pela violência pelo desequilíbrio moral, pela descrença, pelo escândalo, pela neurose e até pela droga. Porque estes, ao crescer, precisam de ajuda e amparo tal como a tenra planta que germinou.

O diálogo ajuda a encontrar o sentido das coisas. O diálogo estabelece o equilíbrio. O diálogo vence a inexperience, cria a confiança, leva ao perdão, estimula o amor, esclarece as dúvidas.

O diálogo não se improvisa: exige tempo e exige ambiente que pai e mãe criam desde pequeninos.

E vale a pena! E' que só assim os filhos resolverão os seus problemas e encontrarão o caminho do verdadeiro sentido da vida.

O casal unido e dialogante contrasta com a família conflituosa que tenta educar aos berros e usa de violências tantas vezes consequências das suas frustrações ou reflexo dos problemas do seu mundo do trabalho.

Num mundo novo uma educação nova — uma educação séria, feita de compreensão, de amor e de verdade.

(In «O Amigo do Povo»)

AGRADECIMENTO
Albino Salvador Rosinha

Sua família na impossibilidade de o fazer pessoalmente como muito seria do seu desejo, vem por este meio manifestar o seu eterno reconhecimento, a todas as pessoas que se interessaram pelo estado de saúde e acompanharam a sua última morada este seu ente querido, ou às que de qualquer forma lhe transmitiram o seu pesar.

Castanheira de Pera, Outubro 1979

Anuncie neste Jornal

Fernando Manata

ADVOGADO

Telefones { 42234
42125

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Guia Geral

dos Caminhos de Ferro

Com a regularidade habitual, e completamente actualizado, acabamos de receber exemplares da última edição do «Guia Geral dos Caminhos de Ferro».

Esta publicação mensal é, sem qualquer espécie de dúvida, de grande utilidade para todos quantos se servem da rede ferroviária nacional, e serviços internacionais, para efectuarem as suas deslocações de negócios ou turismo.

A «Editorial Aliança» — Rua Formosa, 49 3.º do Porto — que publica este prático guia de bolso vai para 47 anos envia-o a todos os interessados que aos seus pedidos juntem dez escudos, em selos, para despesas de expediente e portes.

Esta edição do GGCF insere ainda uma vasta matéria informativa que vai desde os «Horários de Aviação» dos voos domésticos até ao serviço Camionagem combinado com a CP passando por passatempos de viagem e por úteis informações comerciais.

VENDEM-SE

Duas casas de habitação, compostas de r/c e primeiro andar, ao Souto do Vale e um terreno com 100.000 metros quadrados à Ortiga, tendo uma parte arborizada.

Tratar com:

Américo Coelho Antunes
TROVISCAL

Não procures subir alto,
Modera as tuas conseqüências:
Há, muitas vezes, beleza
Mesmo nas ervas rasteiras.
João Grave



O Castanhense



Meu filho começa a andar!
Passo fraco e pequenino!
E eu fico, triste, a pensar
nos passos do seu destino!
Luiz Otávio

FUNDADORES: Dr. José Fernandes de Carvalho e Eduardo Silva

NUMERO AVULSO, 1950

Pela Paz — Pela Democracia — Pela Justiça Social

AVENÇADO NO CORREIO

Carta Aberta

Caro Adalberto

Neste dia chuvoso, aos 11 de Outubro do ano da graça de 1979, apetecia-me apenas tragar uns copitos de água pé da rija e comer umas castanhas assadas com malta fixe. De repente eis que me entregam «O Castanhense», onde logo apontaram o seu artigo «OPINIÃO AS OPINIÕES».

Claro está que por princípio admito críticas, uma vez que tenho telhados de vidro. Sou sociável como bem o reconheceu e admito que as pessoas concordem ou não comigo. Digam bem ou mal de mim. Afinal tenho a consciência tranquila para suportar. Serão todos assim? Duvido...

E vou responder, melhor aproveitar a oportunidade para esclarecer alguns aspectos, se é que não são evidentes. Fazendo o delicado frontalmente, como o senhor. Aliás como sempre o fiz. Mas, um tanto admirado talvez, quem sabe, com a forma e conteúdo das suas críticas. Escrevendo ao correr da máquina de escrever, com inspiração momentânea e dita pelo coração. Como sempre. Nunca por nunca com a pretensão de escrever «caro». Pois sou assim mesmo. Igual a mim próprio. Permita-me continuar. Certo? Espero que sim!

Outra das críticas com que me distingue, refere-se à «maneira da perseguição», opinião da qual discordo. Não persigo ninguém meu caro. Palavra. As pessoas, isso sim, podem, devem e sentem-se atingidas nas entrelinhas, nos assuntos gerais por mim abordados. E julgo que desta forma não fomento o ataque pessoal, não contraria uma norma existente neste Jornal. Assim, evito ferir sentimentos, evito tornar público fraquezas e defeitos humanos que, geralmente trazem resentimentos, acarretam complexos. Humilham. Não enobrecem quem o pratica. Percebido?!

Trata-se do meu estilo de chamar a atenção as pessoas que assumem atitudes incorretas. Resta-lhes raciocinar e enfiarem um barrete das Sarnadas. Porque devemos perdoar os homens e não tolerar erros, o que é diferente. Significativo. E repare que não falo por mim. E por todos, que são poucos para edificarem uma sociedade mais justa e fraterna. Onde não se vegete. Onde se viva, sem ódios ou invejas, sem calúnias ou insultos.

Quanto a outra crítica, concordo que a discussão séria, responsável nasce a luz. Desde que a polémica provocada seja transparente, sem segundas intenções, franca e aberta como propõe. Enfim, objectiva. Desde que, fundamentalmente, traga benefícios, resolva problemas do nosso quotidiano difícil e

incerto. De contrário são por menores de somenos importância. Não interessa. E' despedido de valor.

Acrescento agora que a incoerência de procedimentos conforme as conveniências, batendo-se nas costas do parceiro para depois ao dobrar a primeira esquina vomitarem fel, é falta de personalidade. Não olhar a meios para se conseguirem determinados fins, não define honestidade. Dar com espírito de se obterem dividendos, é uma espécie degradada de bondade. Era isto precisamente o que eu queria exteriorizar. Não é banalidade, abstracção ou uma lamentação. E' um facto negativista que se verifica entre pessoas da nossa região. Entre uns tantos. O que é duvidoso, prejudicial até. Terrei sido suficientemente explícito?!

Porque em boa verdade Castanheira de Pera precisa de Homens com vontades firmes. De uma só cara. De antes quebrar que torcer. Que a deixem um dia melhorada e mais feliz. Entretanto «O Castanhense» igualmente precisa de boas vontades. De colaboração. Por isso devemos-nos preocupar com ele, com as suas dificuldades de periodicidade e financeiras. E' este o grande problema, a questão que importa não esquecer, sobretudo. Porque é o porta voz tradicional das necessidades e aspirações de um povo, de uma região. Mãos à obra portanto. Já Rejuvenescendo-o. Dinamizando-o. Valeu?

Por mim encontro-me disposto a não abandonar este concelho à sua sorte, sendo-lhe prestável na medida do possível. Sem comodismos nem para agradar a gregos ou troianos. Simplesmente porque me é querido, apesar de tudo. Porque o povo no fundo é bom, embora por vezes seja arrastado em enganos, em falsas promessas. E nele viverei enquanto houver esperança e motivado por melhores dias. Que mais desejar de mim?

Termino afirmando que as críticas fazem-se segundo o fiel da justiça e com frontalidade, olhos nos olhos. O senhor manifestou-se. E' compreensível a intenção. Por outro lado a história do nosso concelho, daqueles que nada fizeram ou pior ainda, nada deixaram realizar de útil, virá a lume. Já o prometi. Saber aguardar é em si uma virtude.

Repetindo que só se atiram pedras às árvores que dão fruto, acabo de vez!!!

Queira aceitar um abraço com a amizade sã que me conhece de velha data.

PEDRO BARROS

"OS AMIGOS DAS GESTOSAS" CONFRATERNIZAM

Uma vez mais cerca de 60 pessoas, na sua maioria naturais das Gestosas ou aldeias vizinhas, reuniram-se num almoço de confraternização, desta feita perto de Peniche, no passado dia 21 de Outubro.

Organizado rotativamente por quatro elementos, semestralmente, é um passeio misterioso em que as pessoas visitam locais pitorescos ou com interesse histórico, só tomando conhecimento onde é o almoço, no próprio local. Este último foi programado pela família Fernandes, tendo sido já nomeados outros quatro para Abril próximo.

Mais que a paisagem, as anedotas e as cantigas ao desafio, mais que a boa disposição reinante a seguir ao «repasto bem regado», deve-se salientar a convivência que é proporcionada muitos dos quais por viverem numa grande cidade raramente se encontram.

E isto é formidável, porquanto mata saudades e transmite geração a geração o amor à terra natal.

Bem hajam, continuem rapazes e até ao próximo!...

PEDRO BARROS

PÂNICO

(Continuação da primeira página)

continuidade da luta contra tudo e contra todos na Política, na Economia, no blasonado patriotismo da nossa periclitante independência, demonstrando a sociedade a malévolos intenção da ala retrograda fascista fomentada.

Logo ao aproveitamento de uma hesitação governamental apareciam imediatamente comentários, acérrimos de revindita, sem curar de saber-se da causa directa ou indirecta do facto. E logo eivava um churilho de imprecações que levariam o Povo na onda vilipendiosa da situação. Foi assim que a Direita promoveu a realização de eleições antecipadas, embora tivesse pugnado, um ano antes pela negativa, quando o P. C. por estas se houve batido.

Que espécie de coerência democrática têm os partidos cultivado? Nenhuma! A única que lhes convinha e interessava era a inconsistência que desejavam implementar no País. Ora, esta verdade apareceu estoica e notável na entrevista que o Chefe do Estado concedeu ao jornal «Le Monde» — ainda naturalmente um periódico da extrema-direita francesa.

Já foi azar para o reaccionarismo que, apesar de tudo, continua!

Assine O Castanhense

ARMAS, BANDEIRA e SÊLO da Vila de Castanheira de Pera

As actuais ARMAS, BANDEIRA e SÊLO do Concelho de Castanheira de Pera, foram fixadas pela Comissão de Heraldica da Associação dos Arqueólogos, sob parecer de Afonso de Dornelas, a pedido da Câmara Municipal em exercício no ano de 1934 e em devido tempo aprovadas pela mesma Câmara e superiormente sancionadas, constando do seguinte:

ARMAS,

De prata, com um castanheiro folhado e florido da sua cor, sobre um terrado de verde realçado de negro, cortado por três fajas onduladas de prata e azul. Coroa mural de quatro torres de prata. Listel branco com os dizeres «Vila de Castanheira de Pera», a negro.

BANDEIRA,

Verde. Cordões e borlas de prata e verde. Hastee lança de ouro.

SÊLO,

Circular tendo ao centro as peças das armas sem indicação dos esmaltes. Em volta dentro dos círculos concentricos, os dizeres «Câmara Municipal de Castanheira de Pera».

No relatório que estabeleceu estes símbolos, lê-se ainda o seguinte:

«Como a peça principal das armas é de verde, a BANDEIRA é desta cor. Quando destinada a cerimónias e cortejos, a BANDEIRA é de seda e bordada, tendo a área de metro quadrado.

Foi indicada a prata para o campo das armas porque este metal em heraldica denota humildade e riqueza.

O castanheiro, é de verde, esmalte que significa esperança e fé. O terrado de verde é realçado de negro porque este o esmalte que representa a terra e significa firmeza e honestidade. A Ribeira está representada como determinado pelas regras de heraldica, que é fchado, ondado de prata e azul. Este esmalte significa zelo, caridade e lealdade. Os rodízios, de pás, com que a força é transmitida às Fábricas, são de vermelho porque este esmalte na heraldica significa força e vida.

E, assim, a industrial e importante Vila, fica com as suas riquezas representadas na simbolização das Armas.»

N. R. — Ao publicarmos, mais uma vez, as origens dos Símbolos que representam a Vila de Castanheira de Pera, BANDEIRA, ARMAS e SÊLO, fazêmo-lo na convicção de que a maioria da actual juventude ignora estes assuntos e desta forma fica com um esclarecimento que lhe pode ser útil.

De Terras de Santa Cruz

BRASIL

E O PADRE FALOU

Era Domingo. Assisti à Santa missa em São Paulo, numa Igreja que tem um Padre que fala sério, diz as verdades da vida e nos convida à meditação. Estava lotada a Igreja, todos muito respeitosamente atentos e,

até, um humilde pobre de cristão mal vestido e de aparência desprezível falava, às vezes, alto demais! Alguns o olhavam e, outros, se apiedavam no silêncio. Mas ele assistia aos actos litúrgicos e participava, isso era importante!

Era a Santa Missa de Domingo e o Senhor Padre falava, falava muito bem! Comparava as «bíblicas palavras do Mestre» e nos pedia reflexão, humildade e justiça em todos os actos.

Apelava o Senhor Padre para uma melhor distribuição de riquezas, para a humildade dos poderosos e dos ricos. E falava explicando que, de modo nenhum era contra o capitalismo, porque, quando está ao serviço da humanidade, do bem geral, gera empregos e provoca o desenvolvimento, equilibra e faz melhorar a distribuição das rendas.

Parecia um sermão, ou um leve «puchão de orelhas», mas,

(Continua na página 5)

